

**O CUSTO DA ALTA  
PERFORMANCE: USO DE  
RITALINA E EFEITOS NO  
COMPORTAMENTO  
ALIMENTAR DE  
UNIVERSITÁRIOS**

**THE COST OF HIGH PERFORMANCE: RITALIN USE AND ITS EFFECTS ON  
THE EATING BEHAVIOR OF UNIVERSITY STUDENTS**

Ciências da Saúde • 13/06/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/781224974](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/781224974)

---

Fernanda Ávila Raposo<sup>1</sup>

Luiza Dias Morais<sup>2</sup>

Misael Garcia Carvalho<sup>3</sup>

Luiz Eduardo Canton Santos<sup>4</sup>

Douglas Roberto Guimarães Silva<sup>5</sup>

Eliane Moreto Silva Oliveira<sup>6</sup>

---

## **RESUMO**

**INTRODUÇÃO:** O metilfenidato, princípio ativo da Ritalina, é um psicoestimulante do sistema nervoso central pertencente ao grupo das piperidinas, cuja estrutura química apresenta semelhanças com as anfetaminas. O metilfenidato vem sendo progressivamente utilizado fora das indicações clínicas aprovadas, sobretudo por estudantes universitários com intuito de melhora do desempenho cognitivo, aumento da produtividade acadêmica e prolongamento da vigília durante períodos de intensa demanda intelectual. Os efeitos colaterais mais frequentes do metilfenidato são a supressão do apetite que pode levar à perda ponderal, desequilíbrios nutricionais e alterações metabólicas em indivíduos submetidos a rotinas estressantes e privação crônica de sono. **OBJETIVO:** Analisar os efeitos do uso não prescrito de Ritalina sobre o comportamento alimentar de universitários, considerando os impactos físicos, emocionais e psicológicos relacionados à busca por alta performance acadêmica. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de natureza qualitativa, exploratória e descritiva. O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados PubMed, SciELO, LILACS e Google Acadêmico, utilizando descritores em português e inglês relacionados ao uso de metilfenidato, universitários, comportamento alimentar e aprimoramento cognitivo. Foram incluídos artigos publicados entre 2010 e 2025, nos idiomas português e inglês, que abordassem os efeitos do uso de psicoestimulantes no contexto acadêmico. **RESULTADOS:** Os estudos analisados demonstraram aumento significativo do uso não prescrito de metilfenidato entre universitários, especialmente em contextos de elevada competitividade acadêmica. Entre os principais achados destacaram-se alterações no comportamento alimentar, incluindo supressão do apetite, redução da ingestão alimentar diária, perda de

peso e maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de transtornos alimentares. Também foram identificados efeitos emocionais e psicológicos relevantes, como ansiedade, irritabilidade, alterações do sono e instabilidade emocional. Além disso, observou-se a naturalização do uso de psicoestimulantes como estratégia de melhoria da produtividade e desempenho acadêmico.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** O uso indiscriminado de metilfenidato entre universitários representa um importante problema de saúde pública, com repercussões significativas sobre alimentação, saúde mental e qualidade de vida. Torna-se necessária a ampliação de estratégias educativas e preventivas voltadas ao uso racional de medicamentos e à promoção do autocuidado no ambiente universitário.

**Palavras-chave:** Metilfenidato; Universitários; Comportamento alimentar.

## **ABSTRACT**

**INTRODUCTION:** Methylphenidate, the active ingredient in Ritalin, is a central nervous system psychostimulant belonging to the piperidine group, whose chemical structure is similar to that of amphetamines. Methylphenidate has been increasingly used outside of approved clinical indications, especially by university students seeking to improve cognitive performance, increase academic productivity, and prolong wakefulness during periods of intense intellectual demand. The most frequent side effects of methylphenidate are appetite suppression, which can lead to weight loss, nutritional imbalances, and metabolic changes in individuals subjected to stressful routines and chronic sleep deprivation.

**OBJECTIVE:** To analyze the effects of non-prescribed Ritalin use on the eating behavior of university students, considering the physical, emotional, and psychological impacts related to the pursuit of high

academic performance. **METHODOLOGY:** This is a narrative literature review, of a qualitative, exploratory, and descriptive nature. The bibliographic survey was conducted in the PubMed, SciELO, LILACS, and Google Scholar databases, using descriptors in Portuguese and English related to methylphenidate use, university students, eating behavior, and cognitive enhancement. Articles published between 2010 and 2025, in Portuguese and English, that addressed the effects of psychostimulant use in the academic context were included. **RESULTS:** The analyzed studies demonstrated a significant increase in the non-prescribed use of methylphenidate among university students, especially in contexts of high academic competitiveness. Among the main findings were alterations in eating behavior, including appetite suppression, reduced daily food intake, weight loss, and greater vulnerability to the development of eating disorders. Relevant emotional and psychological effects were also identified, such as anxiety, irritability, sleep disturbances, and emotional instability. In addition, the normalization of the use of psychostimulants as a strategy to improve productivity and academic performance was observed. **CONCLUSIONS:** The indiscriminate use of methylphenidate among university students represents a significant public health problem, with considerable repercussions on diet, mental health, and quality of life. It is necessary to expand educational and preventive strategies aimed at the rational use of medications and the promotion of self-care in the university environment.

**Keywords:** Methylphenidate; University students; Eating behavior.

## **1. INTRODUÇÃO**

O metilfenidato, princípio ativo da Ritalina, é um psicoestimulante do sistema nervoso central pertencente ao grupo das piperidinas,

cuja estrutura química apresenta semelhanças com as anfetaminas. Clinicamente, seus efeitos terapêuticos costumam iniciar entre 15 e 30 minutos após a administração oral, atingindo pico plasmático em aproximadamente duas horas. Sua meia-vida média é de três horas, embora formulações de liberação prolongada possam estender significativamente o tempo de ação (CORDIOLI et al., 2023).

Do ponto de vista farmacocinético, o metilfenidato sofre intenso metabolismo hepático de primeira passagem, sendo metabolizado principalmente pela enzima carboxilesterase 1 (CES1). Além disso, apresenta baixa taxa de ligação às proteínas plasmáticas, favorecendo sua rápida travessia pela barreira hematoencefálica e explicando seus efeitos centrais rápidos e pronunciados (PATRICK et al., 2007). Sua principal ação farmacológica ocorre por meio da inibição da recaptação de dopamina e noradrenalina nos terminais pré-sinápticos, aumentando a disponibilidade desses neurotransmissores em regiões cerebrais relacionadas à atenção, motivação e controle executivo (VOLKOW et al., 2001).

Embora amplamente utilizado no tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) (WHO, 2022), o metilfenidato vem sendo progressivamente utilizado fora das indicações clínicas aprovadas, especialmente por estudantes universitários que buscam melhora do desempenho cognitivo, aumento da produtividade acadêmica e prolongamento da vigília durante períodos de intensa demanda intelectual (ARRIA; DUPONT, 2010; FARAONE et al., 2014). Esse fenômeno acompanha o crescimento da chamada “cultura da performance”, caracterizada pela valorização excessiva da produtividade e pela medicalização das dificuldades cotidianas.

Diversos estudos internacionais demonstram aumento significativo do uso não prescrito de psicoestimulantes em ambientes universitários. Pesquisa conduzida por McCabe et al. (2014) identificou prevalência elevada de uso indevido de estimulantes prescritos entre universitários norte-americanos, principalmente em períodos de provas e avaliações acadêmicas. No Brasil, investigações semelhantes também apontam crescimento do consumo de metilfenidato entre estudantes da área da saúde, muitas vezes sem acompanhamento médico adequado (CRUZ et al., 2011).

Apesar da percepção de melhora cognitiva relatada por parte dos usuários, evidências científicas indicam que os benefícios do uso de metilfenidato em indivíduos neurotípicos permanecem limitados e controversos. Segundo Ilieva, Hook e Farah (2015), os ganhos observados em indivíduos sem TDAH tendem a ser modestos, inconsistentes e frequentemente acompanhados de efeitos adversos relevantes, incluindo alterações cardiovasculares, insônia, ansiedade e distúrbios alimentares.

Entre os efeitos colaterais mais frequentes do metilfenidato destaca-se a supressão do apetite, considerada uma consequência farmacológica importante da modulação dopaminérgica promovida pela substância. A redução da fome e da ingestão alimentar pode levar à perda ponderal significativa, desequilíbrios nutricionais e alterações metabólicas importantes, especialmente em indivíduos submetidos a rotinas estressantes e privação crônica de sono (KESHEN et al., 2022).

Além dos impactos físicos, os efeitos sobre o comportamento alimentar apresentam repercussões emocionais e psicológicas relevantes. A restrição alimentar prolongada pode afetar humor,

memória, qualidade do sono e estabilidade emocional, estabelecendo um ciclo de vulnerabilidade no qual o estudante, ao buscar maior rendimento acadêmico, compromete simultaneamente sua saúde física e mental (URBAN; GAO, 2014).

Nesse contexto, torna-se fundamental compreender os riscos associados ao uso indiscriminado de metilfenidato no ambiente universitário, sobretudo no que se refere à relação entre desempenho acadêmico, comportamento alimentar e saúde mental. O presente trabalho propõe uma análise crítica dessa problemática, fundamentada em evidências científicas recentes e em literatura especializada da psicofarmacologia clínica, visando contribuir para o debate sobre medicalização da vida acadêmica, autocuidado e promoção da saúde entre universitários.

O metilfenidato atua predominantemente nos sistemas dopaminérgico e noradrenérgico, aumentando a concentração extracelular desses neurotransmissores em regiões cerebrais associadas ao controle atencional, memória operacional e motivação. Estudos de neuroimagem funcional demonstram que a substância promove ativação significativa do córtex pré-frontal dorsolateral e dos circuitos mesocorticolímbicos, áreas relacionadas ao processamento de recompensa e tomada de decisão (VOLKOW et al., 2001).

Essa modulação neuroquímica está diretamente relacionada à supressão do apetite observada em usuários do medicamento. A dopamina exerce papel central nos mecanismos neurais de recompensa alimentar, interferindo na percepção de prazer associada ao ato de comer (BERRIDGE et al., 2015). Dessa forma, o aumento artificial da neurotransmissão dopaminérgica promovido

pelo metilfenidato pode reduzir a motivação hedônica para alimentação, mesmo diante de necessidades energéticas fisiológicas (BERTHOUD, 2011).

Estudos recentes indicam que o uso crônico de estimulantes pode provocar alterações importantes nos mecanismos homeostáticos de fome e saciedade. Segundo Yaron et al. (2025), indivíduos expostos ao uso prolongado de metilfenidato apresentam redução significativa da ingestão calórica diária, além de alterações hormonais envolvendo leptina, grelina e insulina. Tais alterações podem favorecer desequilíbrios metabólicos e contribuir para o desenvolvimento de padrões alimentares disfuncionais.

A literatura também aponta associação entre uso de psicoestimulantes e maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de transtornos alimentares. Keshen et al. (2022) destacam que indivíduos predispostos psicologicamente podem utilizar os efeitos anorexígenos do metilfenidato como estratégia de controle de peso, aumentando o risco de anorexia nervosa, bulimia nervosa e transtorno da compulsão alimentar periódica.

No ambiente universitário, esse cenário torna-se ainda mais preocupante em razão da intensa pressão por produtividade e desempenho acadêmico. Estudos brasileiros demonstram que estudantes da área da saúde apresentam níveis elevados de ansiedade, privação de sono e sofrimento psíquico, fatores que favorecem práticas de automedicação e consumo de substâncias psicoativas (MOTA et al., 2021).

A chamada “medicalização da educação” tem sido discutida amplamente nas últimas décadas. Segundo Conrad (2007),

processos sociais complexos passam gradualmente a ser interpretados como problemas médicos passíveis de intervenção farmacológica. Nesse contexto, dificuldades relacionadas ao cansaço, concentração e produtividade acabam sendo tratadas por meio do uso de medicamentos estimulantes, muitas vezes sem avaliação clínica adequada.

Do ponto de vista ético, o uso não terapêutico de estimulantes cognitivos suscita importantes debates relacionados à autonomia, competitividade acadêmica e desigualdade social. Greely et al. (2008) argumentam que o aprimoramento cognitivo farmacológico em indivíduos saudáveis levanta questões bioéticas relevantes, incluindo coerção indireta, pressão social por desempenho e banalização do uso de psicofármacos.

Além disso, estudos longitudinais sugerem que o uso indiscriminado de metilfenidato pode estar associado ao desenvolvimento de tolerância, dependência psicológica e alterações neuroadaptativas em circuitos de recompensa cerebral (LAKHAN; KIRCHGESSNER, 2012). Tais evidências reforçam a necessidade de abordagens preventivas e educativas voltadas ao uso racional de medicamentos no contexto universitário.

A crescente utilização de metilfenidato por universitários, especialmente sem prescrição médica, reflete um fenômeno preocupante de medicalização da vida acadêmica. O desejo por maior rendimento cognitivo, em meio à alta competitividade dos ambientes universitários, tem estimulado o uso *off label* dessa substância por indivíduos sem diagnóstico formal de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), ainda que não existam

evidências robustas que sustentem benefícios reais à performance em pessoas neurotípicas (WILENS et al., 2019).

Essa prática, muitas vezes banalizada, apresenta riscos sérios à saúde física e mental, com destaque para a alteração no comportamento alimentar. O metilfenidato age como um inibidor da recaptação de dopamina e noradrenalina, modulando os circuitos de recompensa e saciedade no cérebro. Como consequência, há supressão do apetite, redução da ingestão calórica e desregulação do eixo fome-saciedade, fatores que podem culminar em perda de peso significativa, carências nutricionais e até no desenvolvimento de transtornos alimentares (URBAN et al., 2014).

Além disso, o uso indiscriminado do metilfenidato compromete o equilíbrio emocional do estudante. A privação alimentar prolongada pode afetar funções cognitivas como memória, concentração e estabilidade emocional — contradizendo o objetivo inicial de melhorar o desempenho. Como alerta Urban e Gao (2014), substâncias nootrópicas podem promover efeitos paradoxais no cérebro saudável, interferindo negativamente na neuroplasticidade e aumentando a vulnerabilidade a distúrbios psiquiátricos (URBAN et al., 2014).

Portanto, este projeto se justifica pela necessidade de refletir criticamente sobre os custos ocultos da alta performance na vida universitária, destacando os efeitos adversos do uso não supervisionado da Ritalina no comportamento alimentar de estudantes. A relevância da discussão se amplia ao envolver dimensões éticas, de saúde coletiva e de promoção do autocuidado, sobretudo no contexto da formação em saúde, onde o exemplo pessoal se transforma em ferramenta educativa.

## **2. METODOLOGIA**

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, de natureza qualitativa, exploratória e descritiva. O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados científicas PubMed, SciELO, LILACS e Google Acadêmico, utilizando os descritores em português e inglês: “metilfenidato”, “Ritalina”, “methylphenidate”, “college students”, “eating behavior”, “eating disorders” e “cognitive enhancement”.

Foram incluídos artigos publicados entre 2010 e 2025, nos idiomas português e inglês, que abordassem o uso de metilfenidato em universitários, efeitos adversos relacionados ao comportamento alimentar, medicalização acadêmica e aprimoramento cognitivo farmacológico. Excluíram-se estudos duplicados, trabalhos sem acesso ao texto completo e publicações sem relação direta com o objetivo da pesquisa.

Os artigos selecionados foram submetidos à leitura crítica e análise interpretativa, considerando delineamento metodológico, amostra, resultados e relevância científica. A síntese dos dados foi realizada de forma integrativa, buscando identificar convergências e lacunas na literatura existente.

## **3. RESULTADOS**

A partir da análise dos estudos selecionados, foi possível observar um aumento significativo no uso não prescrito de metilfenidato entre universitários, principalmente entre estudantes submetidos a rotinas acadêmicas intensas e marcadas por elevada cobrança por desempenho. Os artigos analisados demonstraram que muitos estudantes utilizam a substância com a intenção de aumentar o

foco, melhorar a concentração e prolongar o tempo de estudo. A **Tabela 1** apresenta um panorama analítico sobre o presente estudo.

Entre os principais achados da literatura, destacou-se a alteração no comportamento alimentar dos usuários. Diversos estudos relataram redução do apetite, diminuição da ingestão alimentar diária e perda de peso associadas ao uso contínuo do metilfenidato. Em alguns casos, também foram observadas mudanças nos hábitos alimentares, como longos períodos em jejum e substituição de refeições por estimulantes.

Além dos efeitos físicos, os estudos apontaram impactos emocionais importantes, incluindo irritabilidade, ansiedade, alterações no sono e instabilidade emocional. Também foram identificados indícios de associação entre o uso prolongado da substância e o desenvolvimento de comportamentos alimentares inadequados, especialmente em indivíduos mais vulneráveis emocionalmente. A **Figura 1** apresenta a relação entre uso de metilfenidato e impactos biopsicossociais em universitários.

Outro aspecto observado foi a naturalização do uso da Ritalina no ambiente universitário. Muitos estudantes passaram a enxergar o medicamento como um recurso para lidar com a pressão acadêmica, sem considerar adequadamente os riscos envolvidos no uso indiscriminado da substância.

**Tabela 1** — Síntese da revisão narrativa sobre o uso de metilfenidato entre universitários.

<b>Categoria Analítica</b>	<b>Principais Achados</b>	<b>Evidências Observadas na Literatura</b>	<b>Impactos Identificados</b>
----------------------------	---------------------------	--	-------------------------------

Uso não prescrito de metilfenidato	Crescente consumo entre universitários sem diagnóstico formal de TDAH	Uso motivado por aumento de foco, concentração e produtividade acadêmica	Medicalização da vida acadêmica e banalização do uso de psicoestimulantes
Motivações para uso	Busca por melhora cognitiva e prolongamento da vigília	Maior incidência em períodos de provas e elevada pressão acadêmica	Dependência psicológica relacionada ao desempenho
Alterações no comportamento alimentar	Redução significativa do apetite	Diminuição da ingestão calórica diária e longos períodos em jejum	Perda ponderal, desequilíbrios nutricionais e alterações metabólicas
Efeitos neuroquímicos associados	Aumento da neurotransmissão dopaminérgica e noradrenérgica	Modulação dos circuitos de recompensa alimentar	Redução da motivação hedônica para alimentação
Repercussões emocionais	Irritabilidade, ansiedade e instabilidade emocional	Relação com privação alimentar e uso prolongado da substância	Comprometimento da saúde mental e piora da qualidade de vida
Alterações no sono	Insônia e prolongamento artificial da vigília	Uso frequente em rotinas acadêmicas intensas	Fadiga crônica e prejuízo cognitivo secundário
Risco para transtornos alimentares	Vulnerabilidade aumentada para anorexia, bulimia e compulsão alimentar	Uso anorexígeno da substância como estratégia de controle de peso	Desenvolvimento de padrões alimentares disfuncionais
Contradição terapêutica	Ganhos cognitivos	Benefícios limitados em	Prejuízo paradoxal de memória,

	modestos e inconsistentes	indivíduos neurotípicos	concentração e estabilidade emocional
Aspectos éticos e sociais	Pressão por desempenho e competitividade acadêmica	Normalização social do uso de estimulantes cognitivos	Coerção indireta e desigualdade acadêmica
Necessidade de intervenção	Ampliação de ações educativas em saúde	Necessidade de promoção do uso racional de medicamentos	Prevenção de danos físicos, nutricionais e psicológicos

**Fonte:** elaboração própria.

**Figura 1** — Representação esquemática da relação entre uso de metilfenidato e impactos biopsicossociais em universitários.



**Fonte:** elaboração própria.

## 4. DISCUSSÃO

Os achados desta revisão demonstram que o uso não prescrito de metilfenidato entre universitários vai além da simples busca por melhora no desempenho acadêmico, estando diretamente relacionado à pressão por produtividade e à competitividade presente no ambiente universitário.

A supressão do apetite apareceu de forma recorrente nos estudos analisados, sendo considerada um dos efeitos adversos mais comuns do medicamento. Embora inicialmente muitos usuários considerem essa alteração algo secundário, a literatura mostra que a redução prolongada da ingestão alimentar pode trazer consequências importantes para a saúde física e mental.

Além disso, observou-se que a utilização indiscriminada do metilfenidato pode gerar um efeito contraditório. Apesar da intenção de melhorar o rendimento acadêmico, a privação alimentar, associada ao desgaste físico e emocional, pode comprometer funções cognitivas essenciais, como memória, concentração e estabilidade emocional.

Outro ponto importante identificado foi a influência do próprio contexto universitário sobre esse comportamento. A necessidade de alcançar bons resultados, associada à sobrecarga de atividades e ao medo do fracasso acadêmico, favorece práticas de automedicação e negligência com a própria saúde.

Nesse sentido, percebe-se que a medicalização da vida acadêmica tem se tornado cada vez mais frequente. Muitos estudantes passam a utilizar medicamentos como estratégia para suportar as exigências da rotina universitária, sem acompanhamento profissional adequado.

Dessa forma, torna-se necessária a ampliação das discussões sobre saúde mental, alimentação e uso racional de medicamentos dentro das universidades, visando conscientizar os estudantes sobre os riscos do uso indiscriminado de psicoestimulantes.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que o uso não prescrito de metilfenidato entre universitários representa uma questão relevante de saúde pública, principalmente devido ao aumento do consumo da substância em ambientes acadêmicos.

A revisão da literatura permitiu identificar que, embora muitos estudantes utilizem a Ritalina em busca de melhor desempenho e produtividade, o uso indiscriminado do medicamento pode provocar alterações importantes no comportamento alimentar, como redução do apetite, perda de peso e maior risco para transtornos alimentares.

Além dos impactos nutricionais, também foram observadas consequências emocionais e psicológicas associadas ao uso prolongado da substância, incluindo ansiedade, alterações do sono e instabilidade emocional.

Diante disso, torna-se fundamental promover ações educativas voltadas ao uso racional de medicamentos e à valorização do autocuidado no ambiente universitário. O desempenho acadêmico não deve ocorrer às custas da saúde física e mental do estudante.

Por fim, ressalta-se a importância de novos estudos sobre o tema, especialmente pesquisas voltadas aos efeitos do uso prolongado de psicoestimulantes e suas repercussões no comportamento alimentar e na qualidade de vida dos universitários.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-5-TR. 5. ed. Washington: APA

<https://www.psychiatry.org/psychiatrists/practice/dsm>

ARRIA, A. M.; DUPONT, R. L. Nonmedical prescription stimulant use among college students: why we need to do something and what we need to do. *Journal of Addictive Diseases*, v. 29, n. 4, p. 417-426, 2010. <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC2951617/>

BERRIDGE, K. C.; KRINGELBACH, M. L. Pleasure systems in the brain. *Neuron*, v. 86, n. 3, p. 646-664, 2015. <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC4425246/>

BERTHOUD, H. R. Metabolic and hedonic drives in the neural control of appetite: who is the boss? *Current Opinion in Neurobiology*, v. 21, n. 6, p. 888-896, 2011. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21981809/>

CONRAD, P. *The Medicalization of Society*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2007. [https://link.springer.com/chapter/10.1057/9781137355621\\_39](https://link.springer.com/chapter/10.1057/9781137355621_39)

CORDIOLI, A. V.; GALLOIS, C. B.; PASSOS, I. C. *Psicofármacos: consulta rápida*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023. <https://www.amazon.com.br/Psicof%C3%A1rmacos-Consulta-Aristides-Volpato-Cordioli-ebook/dp/B0CC3HQWF8>

CRUZ, T. C. S. C. et al. Uso não-prescrito de metilfenidato entre estudantes de medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 81, n. 1, p. 3-6, 2011. <https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/1148/108>

FARAONE SV, BIEDERMAN J, SPENCER T, WILENS T, SEIDMAN LJ, MICK E, DOYLE AE. Attention-deficit/hyperactivity disorder in adults: an overview. *Biol Psychiatry*. 2000 Jul 1;48(1):9-20. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10913503/>

GREELY, H. et al. Towards responsible use of cognitive-enhancing drugs by the healthy. *Nature*, v. 456, n. 7223, p. 702-705, 2008. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19060880/>

ILIEVA, I.; HOOK, C. J.; FARAH, M. J. Prescription stimulants' effects on healthy inhibitory control, working memory, and episodic memory: a meta-analysis. *Journal of Cognitive Neuroscience*, v. 27, n. 6, p. 1069-1089, 2015. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25591060/>

KESHEN, A. et al. The potential role of stimulants in treating eating disorders. *International Journal of Eating Disorders*, v. 55, n. 3, p. 318-331, 2022. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34846763/>

LAKHAN, S. E.; KIRCHGESSNER, A. Prescription stimulants in individuals with and without attention deficit hyperactivity disorder: misuse, cognitive impact, and adverse effects. *Brain and Behavior*, v. 2, n. 5, p. 661-677, 2012. <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3489818/>

MCCABE SE, WEST BT, TETER CJ, BOYD CJ. Trends in medical use, diversion, and nonmedical use of prescription medications among college students from 2003 to 2013: Connecting the dots. *Addict Behav*. 2014 Jul;39(7):1176-82. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24727278/>

MOTA, Bruna Tiburtino Leite. O uso de psicofármacos entre universitários. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado

em Enfermagem) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2023. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/16989>

PATRICK, K. S. et al. Pharmacology of methylphenidate, amphetamine enantiomers and pemoline in attention-deficit hyperactivity disorder. *Human Psychopharmacology*, v. 22, n. 8, p. 527-546, 1997. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-1077\(199711/12\)12:6<527::AID-HUP932>3.0.CO;2-U](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-1077(199711/12)12:6<527::AID-HUP932>3.0.CO;2-U)

SMITH, M. E.; FARAH, M. J. Are prescription stimulants “smart pills”? The epidemiology and cognitive neuroscience of prescription stimulant use by normal healthy individuals. *Psychological Bulletin*, v. 137, n. 5, p. 717-741, 2011. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21859174/>

URBAN, K. R.; GAO, W. J. Performance enhancement at the cost of potential brain plasticity: neural ramifications of nootropic drugs in the healthy developing brain. *Frontiers in Systems Neuroscience*, v. 8, p. 38, 2014. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24860437/>

VOLKOW, N. D. et al. Therapeutic doses of oral methylphenidate significantly increase extracellular dopamine in the human brain. *Journal of Neuroscience*, v. 21, n. 2, p. RC121, 2001. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11160455/>

YARON S, ARBEL R, RAZI T, NEMET D. The Effect of ADHD Stimulant Treatment on Weight Categories in Children and Adolescents. *J Clin Med*. 2025 Dec 21;15(1):44. <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12786638/>

WILENS, T. E.; KAMINSKI, T. A. Prescription stimulants: from cognitive enhancement to misuse. *Pediatric Clinics of North America*, v. 66, n.

6, p. 1109-1120, 2019. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31679601/>

WORLD HEALTH ORGANIZATION. ICD-11: International Classification of Diseases 11th Revision. Geneva: WHO, 2022.

<https://www.who.int/standards/classifications/classification-of-diseases>

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Medicina do Afya UNIPTAN. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9183179891745149>.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Medicina do Afya UNIPTAN. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9430657248826055>.

<sup>3</sup> Graduando do curso de Medicina do Afya UNIPTAN. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8641414630671771>.

<sup>4</sup> Professor do curso de Medicina do Afya UNIPTAN. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7100356846491853>.

<sup>5</sup> Professor do curso de Medicina do Afya UNIPTAN. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2381932149842462>.

<sup>6</sup> Professora do curso de Medicina do Afya UNIPTAN. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5503462517063508>.